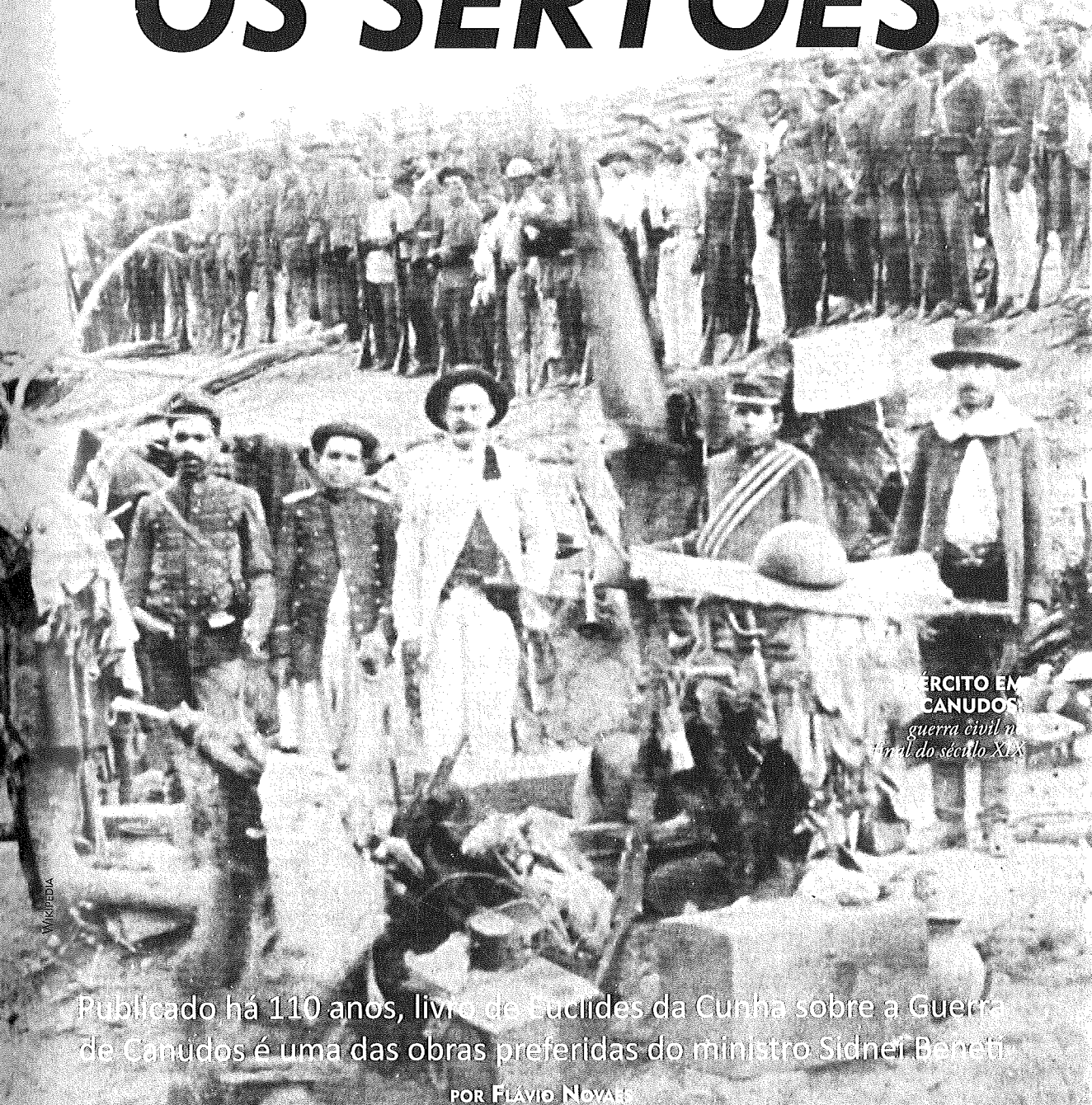


NA TRILHA DE OS SERTÕES



EXERCÍCIO EM
CANUDOS
guerra civil no
interior do século XIX

Publicado há 110 anos, livro de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos é uma das obras preferidas do ministro Sidnei Beneti

POR FLÁVIO NOVAES

A barra de rolamento à direita teima em não chegar ao final da tela. Sim, o currículo do ministro Sidnei Agostinho Beneti impressiona. É enorme, mesmo com a letra miúda da página eletrônica. Do curso primário no 1º Grupo Escolar Dr. Luiz Guimarães Júnior, em Ribeirão Preto, ao Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, a vida ensinou muito.

E, apesar da fluência em inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, além da leitura do latim, a *PODERES EM REVISTA* quis aprender um pouco mais com o magistrado, em português. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 1968, e com ingresso na magistratura quatro anos depois, Beneti é autor de diversas obras jurídicas, colaborou em outras tantas, integra inúmeras associações nacionais e internacionais e possui uma biblioteca invejável.

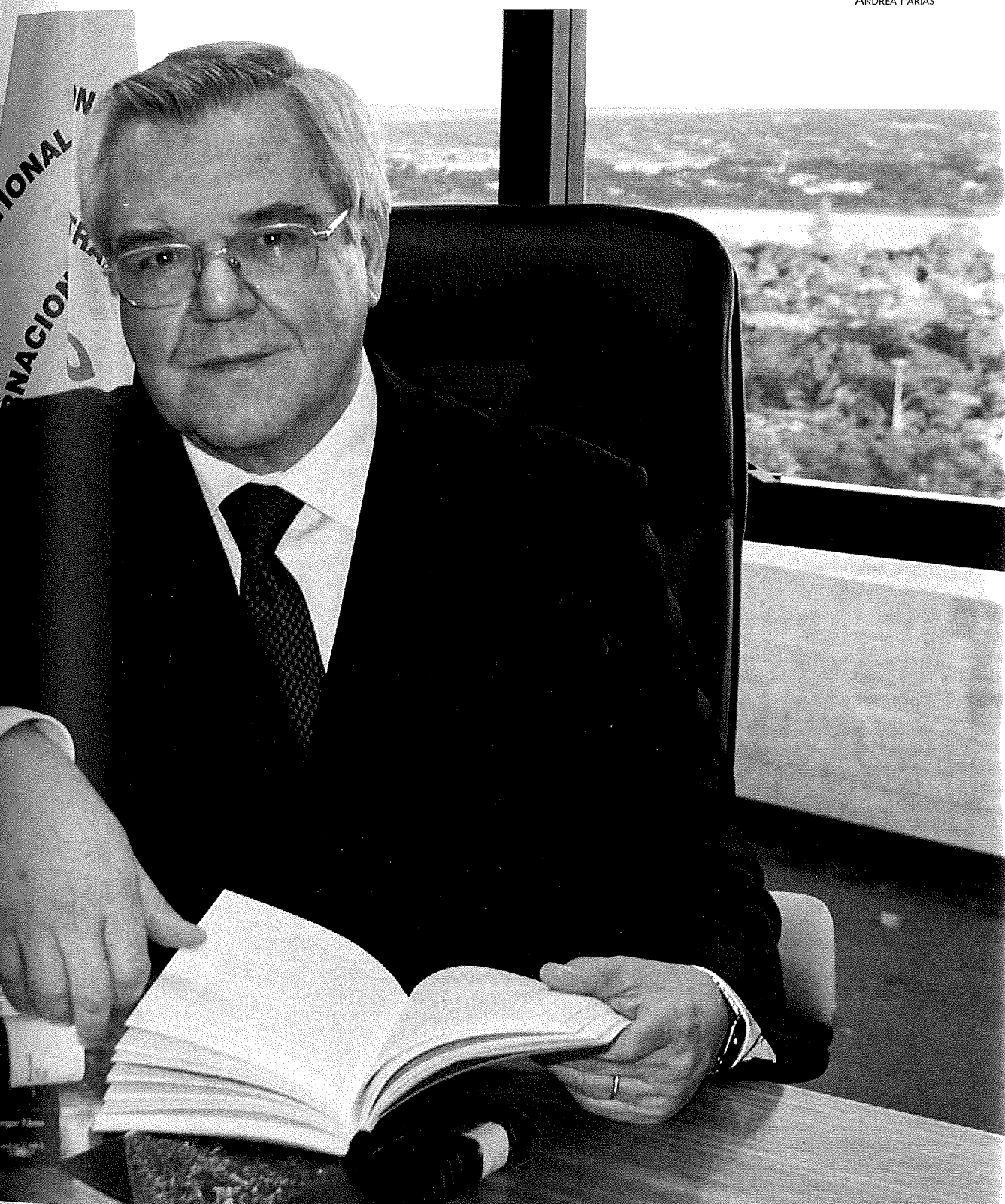
Na prateleira, *Os Sertões* tem lugar especial. A obra de Euclides de Cunha, que está completando 110 anos de lançada, cativa o ministro de tal forma que ele, volta e meia, relê o verdadeiro tratado sobre aquele Brasil roto e maltratado do final do século XIX. Foi para falar sobre o livro que ele concedeu a seguinte entrevista:

Joaquim Nabuco definiu *Os Sertões* como a “Bíblia da Nacionalidade”. O senhor concorda? E qual o principal legado deixado pela obra?

Antes de mais nada, permitam-me reverenciar nesta entrevista a memória do grande estudioso Leopoldo Bernucci, responsável pela magnífica última edição de “*Os Sertões*”. Concordo com a afirmação contida na pergunta, tanto para a época de Nabuco quanto para agora. Como os textos bíblicos, tão atuais aos seus milhares de anos, o texto de “*Os Sertões*” não envelhece. Apenas precisa de leitura atualizada, por exemplo sabendo-se que a cultura de Euclides era a cultura da época, e por isso já se disse, como sintetizou Alfredo Bosi, que “*Os Sertões*” são uma obra datada. Que conceitos como o determinismo geográfico, que condenava determinados territórios à miséria, e como o embate das raças, que levava à dominação das “raças fracas pelas fortes”, acabaram superados pelas análises econômico-sociais modernas. Hobbes, Gumpłowicz, Gobineau são espectros de intelectualidade superada. É preciso lembrar que Euclides não conheceu os sociólogos, historiadores e psicólogos modernos. Morreu antes da Revolução Bolchevique, não viu nem a Primeira Guerra Mundial, nem assistiu ao horror do nazismo e de seu



NO GABINETE, EM BRASÍLIA:
*amor pela literatura e especialista
no trabalho do escritor paulista*



sistemático programa de extermínio humano!

Mas Euclides fazia a diferença. Intuiu o relativismo em “Estrelas Indecifráveis”, antecipou a questão ambiental amazônica em “À Margem da História” e praticamente narrou a batalha da força armada nas favelas e nos campos contra a pobreza e o abandono sociais, concluindo que era loucura. Terminou “Os Sertões” reprochando o tratamento da questão social como uma guerra, escrevendo, com todas as letras, que aquilo era uma loucura. E lançando um quase anátema aos responsáveis pelo ocorrido, recomendando um psiquiatra para a solução belicista, com a frase candente: “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades”.

O senhor já leu o livro seis vezes.

O que desperta tanto interesse?

Na época em que li pela primeira vez, no distante 2º ano do Curso Clássico colegial do Instituto de Educação Otoniel Mota, o velho “Gymnasio do Estado de Ribeirão Preto”, incentivado por uma Mestreira que abria as mentes, a Professora Florianete de Oliveira Guimarães, procurei o estilo, a frase, enfim, a estética literária. Mas isso era uma “isca” do grande autor, que foi mordida não só por mim mas por toda a intelectualidade. A ponto de, quando da morte de Euclides, caído sob a bala certaíra do jovem amante de sua mulher, o cadete do Exército e campeão de tiro Dilermundo de Assis, formar-se uma corte de adoradores, denominados “Viúvas de Euclides”, que discursaram e escreveram intermináveis textos de “Protesto e Adoração”. E li toda a obra. Li também toda a bibliografia sobre o autor que foi possível encontrar. Conhecia-lhe detalhes de estilo, de cultura, de vida. Era capaz de dizer roupas que Euclides usava e divertia-me em responder a perguntas a respeito de onde estava o Euclides em tal dia e a tal hora, o que fazia e assim por diante... Tornei-me “Maratonista Euclidiano”, representando meu colégio na Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo, que não venci, pois certamente havia adoradores mais capazes do que eu – e, creio piamente, também devido a não haver eu conseguido manuscruver com letra mais legível minha adoração pelo grande escritor! Mas no geral, como eu, era o estilo que veneravam, não o conteúdo, nem sempre digerido e de âmago esconso.

À medida em que fui conhecendo mais dados da cultura, sobretudo lendo ciências humanas, sociais, políticas e muita literatura, especialmente durante o curso

RICA BIBLIOTECA :
livros com temas jurídicos e romances universais





ANDRÉA FARFAS

na minha Velha e Sempre Nova Academia – a Faculdade de Direito de São Paulo, no Território Livre do Largo de São Francisco – vi, através da beleza do estilo, o que as letras escondiam. A terra brasileira, o embate civilizatório, a questão social bruta, a dominação econômica até hoje perseverante. A síntese acabou vindo a mim muito clara, graças às obras de Olímpio de Souza Andrade, Florestan Fernandes, Alfredo Bosi e outros. Mas o estilo é imorredouro. O admirável estilo euclidiano, de “escrever como um cipó”, denso, frases de começo, meio e fim, cadenciado, com prosa em métrica de poesia, esse renasceu na reescrita da história por Mário Vargas Llosa, em “A Guerra do Fim do Mundo”. E com visão moderna, que estabeleceu com maestria os *links* com os estamentos modernos da cultura econômico-sócio-política – remetendo ao fenômeno das favelas, com gentes tão ilhadas como os pobres seguidores de Antonio Conselheiro.

O cenário desolador do interior do Brasil e o “insulamento” do homem que vive na região chocaram Euclides da Cunha. Trazer essa realidade para o centro do País talvez tenha sido a maior virtude do escritor?

A realidade do País é a leitura atual, fruto do caráter histórico-prospectivo da obra de Euclides. Deixada como um tesouro na intuição genial, a garantir-lhe a perenidade que caracteriza as obras dos grandes analistas do gênero humano, que pairam acima das contingências do momento em que se produzem. Quanto a ver o “centro do País”, relembro aquela passagem de reenvio a Frei Vicente do Salvador, que via a colonização brasileira no território arranhando o litoral, “como caranguejos”. Em grande parte, isso felizmente já passou. Mas a marcha civilizatória com justiça social, essa ainda falta andar muito.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. A descrição é uma das frases mais conhecidas da literatura nacional. E, na sequência, Euclides arremata: “Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”. Como o senhor vê essa comparação, feita há mais de 100 anos? Ela permanece atual?

A afirmação do sertanejo sem dúvida permanece verdadeira. Basta ver os jornais da televisão. Quanto à gente “do litoral”, não sei. Parece que também é gente forte. Basta ouvir Caymmi, ler Jorge Amado e, de novo,

ver pescadores, estivadores, trabalhadores das docas e plataformas petrolíferas, construtores de navios, estradas e pontes. A frase de Euclides foi mais verdadeira à época. E é muito certo que, com ela, além de engrandecer, com justiça, o sertanejo, Euclides alfinetou os desafetos “almo-fadinhas” que lhe aporrihavam a vida nas desilusões da política feita no Rio, então Capital Federal, na burocracia a que era subordinado, nas redações de jornais beletristas e polemistas que pululavam naqueles tempos em que quem se manifestava realmente tinha cultura. E Euclides aproveitou para escrever algumas das mais admiráveis frases de verso-em-prosa da língua portuguesa. Basta ler em voz alta os textos e se terão a sonoridade, a cadência, a métrica perfeita, com as sílabas tônicas de versos com cesuras e tudo, batendo no momento certo!

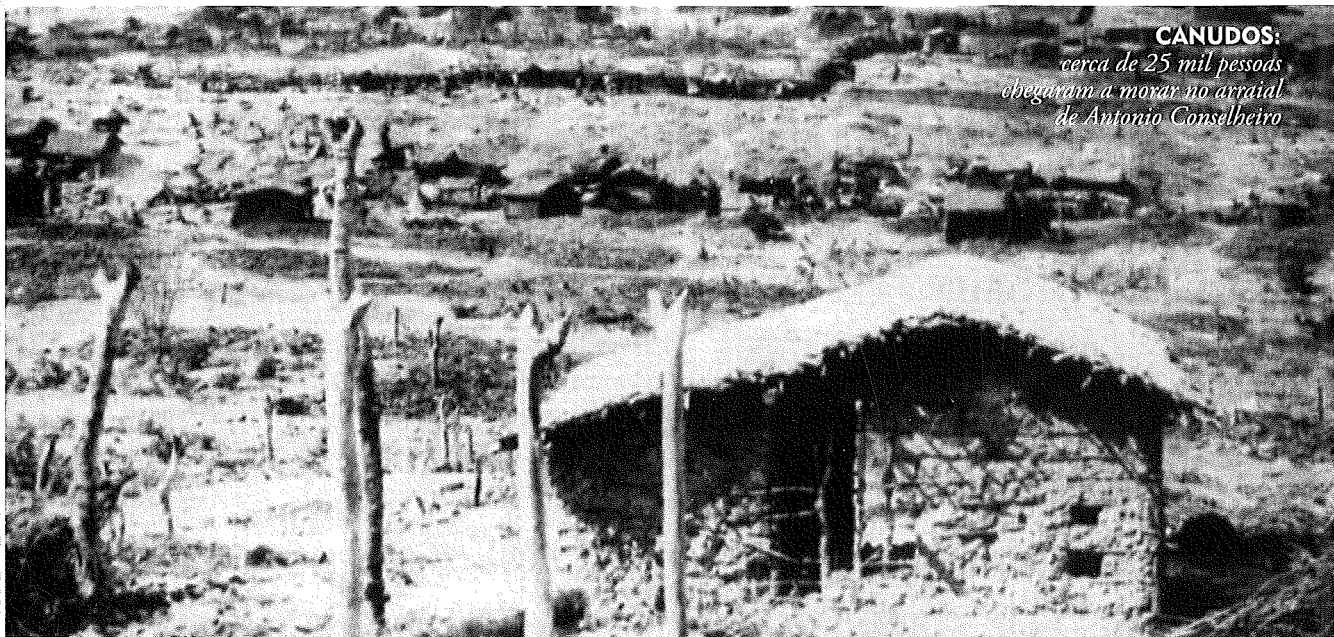
Estudiosos de Os Sertões afirmam que, mesmo escrito há mais de um século, o livro ainda traz semelhanças com os nossos dias, ainda que a distância entre os homens do interior e os do litoral tenha diminuído. O senhor concorda?

Meu enfoque é mais transversal, entre as classes e grupos sociais, do que geográfico. Na medida em que essa distância se estabelece entre as regiões geográficas, contudo, concordo. Li recentemente um livro sobre Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, e também

recentemente revi “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber – uma obra de rigor histórico e outra de beleza estética e visão social fundada na história. O “Auto da Compadecida” vive e revive para sempre! Que beleza a série “Hoje é Dia de Maria”, que a Rede Globo ousou produzir! O regional é permanente contraponto para a cultura universalizada, ainda importada, que se confunde com a noção de civilização, mas se choca contra o regional – este, uma sorte de contracultura de nível superior à *underground*, que se vinga fazendo artes e birra contra a cultura importada “civilizada”. Os tipos de gente diferente vistos como personagens diversas são estereótipos da diversidade de culturas. A transversalidade entre as classes estereotipa-se nas ciências sociais e na literatura, como, de resto, na música, nas artes plásticas, nas religiões e na vida! As grandes façanhas “*O Certão* vai virar mar/ E o mar vai virar *Certão*”, vejo isso mais como verticalidade do que como horizontalidade social.

Contrastes e Confrontos e À Margem da História, outros livros do autor, ratificam a condição de historiador e, principalmente, de um quase-sociólogo, analisando um Brasil desconhecido àquela altura do início do século XX. É o rigor científico, aliado às questões humanas, a grande marca do escritor?

FOTOS CANUDOS: FLÁVIO BARROS



CANUDOS:
cerca de 25 mil pessoas
chegaram a morar no arraial
de Antonio Conselheiro

Euclides tinha obsessão pela veracidade das fontes científicas disponíveis e extremado apego às convicções que delas, observada com rigor a realidade, extraía. Agia sob permanente e escravizador “imperativo categórico”, um tanto maniqueísta, portanto. Não se esqueça nunca que era um engenheiro, militar e matemático, ansioso pela cultura do mundo, como o eram aqueles admiráveis positivistas de sua época, Benjamin Constant, entre nós, à frente. Embora soubesse muito bem até onde iam as bases científicas e onde tinha de entrar o suprimento humano diante do inalcançável científico. Recorte-se aquele maravilhoso prefácio aos “Poemas e Canções”, de Vicente de Carvalho, que bem honra os versos do “Poeta do Mar” – e Juiz de Direito de Santos: “Aos que se surpreenderam de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas”.

O senhor entende que o calor dos fatos tenha, de alguma forma, interferido na análise do jornalista Euclides da Cunha?

Os acontecimentos no sertão longínquo, ansiado ante os livros, e conhecido de perto apenas na cobertura jornalística para o jornal “O Estado de São Paulo” – que acabara de mudar o nome antigo “Província de São Paulo” ante a República – influenciaram muito Euclides. Mas

ele era ávido por conhecer no local, tanto que buscou transformar-se em repórter quando viu as notícias do fracasso da Expedição Moreira César, um ícone do republicanismo nacional, sucessor do nome de Floriano Peixoto como anseio militar pela ordem contra o Presidente da época, Prudente de Moraes. Mas Euclides não era repórter, profissional forçosamente premido pela apreensão do universo dos fatos e colocação em texto sintético de poucas linhas. É conhecido o relato da insuperável dificuldade de Euclides como repórter, quando o jornal o mandou fazer a reportagem de um incêndio! Euclides era um pensador complexo, ambicioso do saber e vaidoso do conhecimento teórico profundo. Não admitia o erro, tanto que se enclausurou a corrigir a mão, com canivete e tinta, todos os exemplares já impressos da primeira edição de “Os Sertões”, entregues com o que considerou erros, tipográficos ou de redação, pela editora Laemmert.

Euclides buscava os fatos, ansioso por enquadrá-los nos parâmetros da própria cultura – que era a da época, pacientemente acumulada durante anos. Amoldou o relato dos fatos à própria ideologia. Não pôde, contudo, controlar os fatos, que, como as personagens das obras de ficção, em várias passagens do livro se rebelaram contra as formas mentais. E nesses momentos o artista Euclides deixou alguns dos escritos de extraordinária beleza, definitivos nas letras universais.



FIM DA GUERRA:
*mulheres e crianças são
apristonadas pelo Exército*

O senhor é, talvez, um dos magistrados brasileiros com maior atuação nos organismos internacionais. Foi presidente da União Internacional de Magistrados e do Grupo Iberoamericano. Quais as contribuições geradas à magistratura internacional?

Fui Presidente da União Internacional de Magistrados, entidade maior da Magistratura mundial, sediada em Roma, eleito e empossado em Valle de Bravo, México, em 3.11.2004, deixando o cargo a 1.10.2006, em Siófok, Hungria, onde recebi o título de Presidente Honorário. Minha participação internacional foi intensa e prossegue, agora bem menos, já que escravizado pelo trabalho no STJ, que me faz despertar todos os dias às quatro da manhã e trabalhar sem parar até mais de onze da noite, inclusive em domingos e feriados. Essa participação foi e é uma das atuações mais marcantes de minha vida. Prossigo ainda, com muito custo pessoal – e nunca com fundos públicos – participando como Presidente Honorário da União Internacional de Magistrados e frequentando regularmente institutos de formação de Magistrados, em contacto com as Escolas e Institutos da Magistratura internacionais, e acadêmicos de peso, como o Max-Planck-Institut na Alemanha, a Insol-International, o International Insolvency Institute, a International Law Association, a Associação Internacional de Direito Processual e outras entidades. Repito, isso foi e é uma atividade de que me orgulho muito.

Quanto à Magistratura, já disse, quando entrevistado pela “DRZ – Deutsche Richterzeitung”, a centenária Revista da Magistratura alemã, que na UIM pude ver que juízes são iguais em todo o mundo. Mesma origem popular e democrática, mesmos estamentos sociais de proveniência, mesmas preocupações de julgar bem, mesmos adversários em todo o mundo, buscando a destruição da efetividade das decisões judiciais. Mas sempre o mesmo ideal de fazer Justiça. Quando da Presidência do Grupo Ibero-Americano, estive em visitas de inspeção em vários países da América Latina, verificando denúncias contra a independência dos juízes, não raro com perseguições institucionais brutas, com demissões, redução de vencimentos, e a terrível exposição negativa em campanhas na opinião pública, orquestradas por prejudicados ou aspirantes a controladores do momento. Sempre vi que os juízes são iguais, uma espécie de gente diferenciada, a trabalhar muito para resolver problemas que não criaram, os problemas dos outros, pessoais ou de instituições e

corporações. E destinatários da incompreensão dos que perdem, ou temem perder, ou simplesmente deixam de ganhar, transmutados muitas vezes em inimigos eternos e, permita-se o pleonasmo, realmente para sempre! Em um livro extraordinário, “No Tribunal de Meu Pai”, o grande Isaac Baschevis Singer, escritor em iídiche e Prêmio Nobel, narra o final de um julgamento de seu pai, rabino humilde em pequena cidade polonesa, quando, dada a decisão óbvia, repartindo responsabilidades, vantagens e desvantagens, não recebeu a consagração bíblica de Salomão, mas a ira de todos os contendores!

Na África, pude participar de reunião de juízes das nações mais sofisticadas do mundo, europeus, latinoamericanos, norteamericanos e orientais, juntamente com juízes tribais, os “*Chefs de Villages*”, que vieram com seus mantos de seda e coroas douradas. De início, o espanto geral, de lado a lado. Ao fim, bem que me lembro da troca de histórias comuns, julgando seres humanos, pobres ou ricos, no brilho da cidade grande ou nas palhoças de vilas africanas. E ainda me emociono de lembrar que ao final, entre narrativas e risos, como companheiros da longa história da função judiciária entre os povos, orgulhosos portaram-me com seus trajes tribais, com coroas e tudo, cedendo-os para as fotos! Ganhei da Magistratura local um traje solene africano, que ainda conservo entre os mais queridos guardados de fazer memória.

*Pude ver que juízes
são iguais em todo o mundo.
Mesma origem popular
e democrática, mesmas
preocupações de julgar bem,
mesmos adversários em todo
o mundo, buscando a
destruição da efetividade
das decisões judiciais.
Mas sempre o mesmo ideal
de fazer Justiça*



Divulgação: IAJUIM

O senhor é, também, integrante da Junta Acadêmica do Instituto Internacional do Poder Judiciário, da Fundação Justiça no Mundo, de Madri. Quais são as atividades desenvolvidas pelo Instituto?

Como Presidente da União Internacional de Magistrados, fui Presidente da Fundación Justicia en el Mundo, sediada em Madri e integrante da Junta Acadêmica, então presidida pela Magistrada da Corte de Apelações do Quebec, Louise Mailhot, também, à época, Vice-Presidente da UIM. Realizamos vários estudos sobre o Judiciário e a Magistratura no mundo, publicados na Espanha nos dois volumes do “*Traité d’Organisation Judiciaire Comparé*”. O primeiro, publicado pela Schulthess, intitulado “*A Treatise on Compared Judicial Organization*”, e o segundo, publicado sob os auspícios da Fundação Calouste Goulbenkian, “*Indépendance des Juges*”.

Falando, aliás, em publicações, orgulho-me de haver gerido a publicação, pela União Internacional de Magistrados, de volumes de sua coleção “*Books of the IAJ*”: “*History of the International Association of Judges*”, coordenado pela Vice-Presidente Louise Mailhot, do Canadá, “*Human Rights and the Judiciary*”, também coordenado pelo Ministro Ernst Markel, da Áustria, e “*L’Indépendance de la Magistrature*”, coordenado pelos juízes Giacomo Oberto, da Itália, e Aboudou Assouma, do Togo, produzidos pela brasileira Editora Del Rey. A Fundación Justicia en el Mundo publica regularmente sua importante Revista “*Fundación Justicia en el Mundo*”, em Madri, e realiza, anualmente, a entrega de um prêmio de importância mundial – o “*Premio Justicia en el Mundo*”, que em sua primeira edição foi entregue pelo Rei Juan Carlos da Espanha.

A implantação do Prêmio deve-se ao Magistrado Ramón Rodríguez Arribas, da Corte Constitucional de Espanha, também ex-Presidente e Presidente Honorário da União Internacional de Magistrados – que tem, entre seus ex-Presidentes, ora Presidentes Honorários vivos: Gunther Worasch, da Áustria, Rainer Voss, da Alemanha, Paquerette Girard, da França, Ramón Rodríguez Arribas, da Espanha, Tarek Bennour, da Tunísia, Ernst Markel, da Áustria, eu, do Brasil, Maja Tratnik, da Eslovênia, José Maria Bento y Company, da Espanha, e é atualmente presidida pela Magistrada Fatoumata Diakité, da Costa do Marfim. ■

SIÓFOK, HUNGRIA:

Sidnei Beneti durante encontro anual da União Internacional de Magistrados, em 2006